

# O ASSASSINATO DE TIM LOPES: A CONSTITUIÇÃO DE UMA CRISE SOCIAL E O REPENSAR DE UMA PROFISSÃO<sup>1</sup>

Robson de Paula

*Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ) e professor do Curso de História da Universidade Iguazu (UNIG).*

**RESUMO:** A literatura que trabalha com o tema mídia e violência tende a reconhecer o veículo midiático como um multiplicador e ratificador da percepção de medo no público receptor. Neste artigo, através da análise da divulgação do assassinato do jornalista Tim Lopes, procurarei mostrar a complexidade desta equação, descrevendo como a mídia encaminhou, simultaneamente, duas interpretações dos fatos: uma, para o público externo; e a outra para o público interno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo investigativo. Ética no jornalismo. Drama social.

*Começar a minha experiência profunda de jornalista. A reportagem policial vai transforma-se para sempre num dos elementos básicos de minha visão de vida. Através dela tive intimidade com a morte (que sempre me apavorou) e nela vi um cadáver pela primeira vez. O jornalismo, daí em diante, passou a ser vital para mim (...)*

Nelson Rodrigues (*apud* ALVES, 2003, p.1).

## Introdução

O material produzido a respeito da morte do jornalista Tim Lopes, ocorrida em 2002, poderia ser fonte de inspiração para Nelson Rodrigues, sobretudo por ter um aspecto trágico e instigante. Possivelmente a partir daí, poderia ser produzida uma crônica ou uma peça de teatro, com um teor crítico e revelador da sociedade brasileira.

Com uma linguagem sensacionalista e direta, Nelson Rodrigues foi consagrado por produzir mais textos ficcionais. Porém, existe um aspecto de sua trajetória profissional que muitos desconhecem. Nelson Rodrigues também foi um exímio repórter (Alves, 2003). Como está dito na epígrafe, tinha uma grande paixão pela

---

<sup>1</sup> O presente artigo é uma versão modificada do terceiro capítulo da dissertação “‘Tragédia’ e ‘Acomodação’: uma análise antropológica do assassinato do jornalista Tim Lopes”, apresentada ao PPCIS/UERJ, em 2004. Para a realização do estudo, utilizei 524 reportagens jornalísticas sobre o “caso”. Além disso, realizei entrevistas com o policial Daniel Gomes e com o presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, Nacif Elias. A eles, dedico o artigo. Também, devo expressar os meus agradecimentos aos professores Otávio Velho (MN/UFRJ) e Rosane Prado (PPCIS/UERJ), os quais fizeram sugestões, muito apropriadas, à ocasião da defesa. Algumas delas, eu incorporei neste escrito. Também não posso deixar de agradecer à professora Clara Mafra (PPCIS/UERJ), por dar grande contribuição à minha formação acadêmica.

reportagem policial, sobretudo porque seria um estilo jornalístico que poderia colocá-lo bem perto da morte.

Tim Lopes, jornalista da Rede Globo de Televisão, 51 anos de idade, 30 de profissão, décadas depois da publicação desse fragmento de Nelson Rodrigues, também possuía um sentimento semelhante pelo jornalismo investigativo. Salvaguardando as singularidades, ambos desenvolveram uma relação muito intensa com a morte na constituição de suas trajetórias profissionais. E nesta “entrega total” à profissão, Tim foi mais longe ao morrer quando a exercia.

Mesmo tendo esse caráter trágico, o assassinato deve ser lembrado e problematizado não só por revelar a dominação violenta de narcotraficantes nas favelas cariocas, mas também por indicar “fissuras” no interior do jornalismo brasileiro. Justamente pelo fato de ter sido um evento marcante, uma “crise”, em que não só as mazelas presentes na sociedade vieram à tona, mas também por ter criado, entre os jornalistas, um debate sobre os rumos da profissão no país, na minha concepção, o crime pode ser analisado a partir da perspectiva do “drama social”.

Victor Turner (1964) criou a noção de “drama social” para entender as crises e distúrbios presentes nas sociedades Ndembu, na África. Segundo o autor,

Pode-se algumas vezes ir além da superfície das regularidades sociais e perceber as contradições e conflitos ocultos no sistema social. Os tipos de mecanismos coercitivos empregados para lidar com o conflito, o padrão de luta faccionista e as fontes de iniciativa para acabar com a crise, todos claramente manifestados no ‘drama social’, fornecem pistas valiosas sobre o caráter do sistema social (TURNER, 1964, p. 26).

Algumas ressalvas precisam ser feitas antes de iniciar a descrição e análise da divulgação do crime a partir desse referencial teórico. Ao elaborar a noção de “drama social”, Victor Turner pretendia estudar, sobretudo, os conflitos ocorridos no interior das tribos Ndembu. Tais sociedades eram pequenas e tinham seus segmentos sociais muito bem demarcados. Diferente delas, a nossa sociedade apresenta-se com um alto nível de fragmentação e de descontinuidade nas fronteiras sociais. Além disso, também há, entre nós, uma coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo (VELHO, 1994).

Porém, será que isto invalidaria o uso da noção de “drama social” para a compreensão dos períodos de “crises” em nossa sociedade? Minha visão sobre o fato é

que nas “sociedades complexas”, além ser aplicável a pequenos grupos religiosos (MAGGIE, 2001), o paradigma do “drama social” pode também ser utilizado para o entendimento de conflitos mais amplos. Alguns embates, ao serem noticiados nos meios de comunicação de massa, extrapolam as dimensões do lugar/território onde ocorreram e acabam sendo experimentados por outros atores sociais.

Sendo assim, neste artigo, a partir da perspectiva do “drama social”, indico a forma pela qual a morte de Tim Lopes deixou de ser um evento particular e se transformou em um caso público, ao ser veiculada nos meios de comunicação.

Durante três meses, ininterruptamente, todas as informações sobre o “caso” Tim Lopes foram divulgadas nos telejornais e em jornais impressos brasileiros. Como veremos nas próximas linhas, a morte do jornalista instaurou um debate público a respeito da violência crescente, principalmente nas favelas cariocas.

No artigo, discutirei as seguintes questões: como os jornalistas apresentaram o crime à população abrangente? Quais foram os aspectos priorizados e dramatizados na divulgação? Será que podemos indicar uma tendência no formato da veiculação?

Ao responder essas indagações, mostrarei como o “drama social” foi sendo constituído pelos jornalistas e, decorrente disso, experimentado por vários segmentos da população.

Porém, antes de qualquer reflexão, é fundamental apresentar ao leitor o crime propriamente dito.

## **1. O assassinato**

A morte do jornalista Tim Lopes foi amplamente noticiada entre os meses de junho e setembro de 2002. Como veremos nas próximas páginas, os jornalistas focalizaram somente alguns aspectos do crime, produzindo uma reconstituição não inverídica, mas fragmentada e reduzida. Neste sentido, a meu ver, a reconstituição feita pelos policiais da 42ª Delegacia de Polícia pode nos indicar outros dados não priorizados. Portanto, eu a utilizarei neste escrito.

A noite era do dia 2 de junho de 2002. Um carro cruza a cidade em direção ao subúrbio carioca. O destino era o Complexo do Alemão<sup>2</sup>. No veículo, estavam o motorista Rudmann Guilherme e Tim Lopes. Naquela noite de inverno, o jornalista investigativo pretendia realizar uma série de reportagens sobre o tráfico de drogas. Se tudo corresse bem, seria mais um “furo jornalístico”. A conhecida reportagem “Feira das Drogas”, feita anteriormente, dera ao profissional da imprensa, visibilidade, reconhecimento e prêmios. Por esta razão, naquela noite, Tim Lopes utilizou um disfarce para não ser reconhecido pelos traficantes locais. Uma bermuda jeans, uma camisa de malha clara e um boné compuseram o traje do jornalista.

No Complexo do Alemão, em uma das entradas da Vila Cruzeiro, ao sair do carro, Tim Lopes pediu ao motorista que retornasse duas horas depois. Naquele momento, o relógio marcava 20:00 horas. Feita a negociação, o funcionário da Rede Globo foi embora, enquanto o jornalista entrava na favela.

Próximo à Rua João Alegrete, Tim, como era carinhosamente chamado por amigos e parentes, começou a filmar o “movimento” do tráfico de drogas. Porém, o disfarce não protegeu a identidade do jornalista. Em um dado momento, em meio às pessoas que se encontravam no local, a figura de Tim Lopes foi-se destacando e sua descoberta foi inevitável. Um dos integrantes da quadrilha de Elias Pereira da Silva<sup>3</sup>, “Elias Maluco”, suspeitou que aquele homem, que estava atento às “negociações”, fosse um repórter. Sem rodeios, prenderam o jornalista e comunicaram, através de um sistema de rádio, o ocorrido ao “chefe”. Do outro lado da linha, na Favela da Grotá, também no Complexo do Alemão, “Elias Maluco” pediu a Ângelo da Silva, o “Primo”, para prender o jornalista.

“Primo” foi buscar o “réu” em um Fiat Uno roubado. Em alguns minutos, o “bonde do terror” chegou ao local onde Tim Lopes se encontrava. Já naquele momento, o jornalista foi submetido a uma série de agressões. Porém, o pior ainda estava por vir.

Quando o carro chegou ao Alto da Grotá, “Elias Maluco” e alguns outros traficantes foram ao encontro do repórter investigativo. Ao avistar o jornalista amarrado e baleado, um dos criminosos, Cláudio Orlando do Nascimento, “Ratinho”, o

---

<sup>2</sup>O Complexo do Alemão é formado pelas seguintes favelas: Morro do Alemão, Nova Brasília, Favela da Grotá, Pedra do Sapo, Fazendinha, Inferno Verde, Morro dos Mineiros, Canitá/Relicário, Pedreira, Morro da Baiana e Alvorada.

<sup>3</sup> Em 2002, antes de ser preso, “Elias Maluco” controlava o tráfico de drogas em sete favelas do Complexo do Alemão: Vila Cruzeiro, Caixa D’Água, Sereno, Fé, Grotão, Chatuba e Fazendinha.

reconheceu. A partir deste momento, Tim sofreu todo tipo de atrocidade, que provocou a sua morte.

Por se tratar de um evento hediondo, não me detive na descrição da seqüência dos atos bárbaros praticados pelos narcotraficantes<sup>4</sup> contra o jornalista. Não é minha intenção chocar o leitor, somente quis apresentar o crime, para, na próxima seção, começar a análise.

## 2. A morte do jornalista: Um drama de todos

Já no dia três de junho de 2002, um dia depois do desaparecimento do jornalista investigativo, vários jornais impressos e televisivos noticiaram o ocorrido. Mesmo não tendo informações mais precisas e consistentes, diversos veículos de comunicação informaram o sumiço do jornalista à população. Durante três meses<sup>5</sup>, ou seja, desde o desaparecimento do repórter até a prisão de “Elias Maluco”<sup>6</sup>, no dia 19 de setembro de

---

<sup>4</sup> Segundo o inquérito policial, participaram do crime: Fernando Sátyro da Silva, (“Frei”); Reinaldo Amaral de Jesus, (“Cadê”); Ângelo da Silva, (“Primo”); Elizeu Felício de Souza, (“Zeu”); Claudino dos S. Coelho, (“Xuxa”); Maurício de Lima Matias, (“Boizinho”); André da Cruz Barbosa, (“André Capeta”), Cláudio Orlando do Nascimento, (“Ratinho”) e Elias Pereira da Silva, (“Elias Maluco”). Depois de passarem três anos presos, estes criminosos foram julgados pelo 1º Tribunal do Júri, por terem cometido os seguintes crimes: homicídio triplamente qualificado, ocultação de cadáver e formação de quadrilha. As penas (reclusão) variaram entre: 9 anos e quatro meses (Ângelo da Silva, o “Primo”) e 28 anos e seis meses (Elias P. da Silva, o “Elias Maluco”).

<sup>5</sup> Para ilustrar a grande divulgação do “caso” já nos primeiros dias, segue uma lista com as matérias jornalísticas:

- 1) *O Globo* (03/06/02). Título da matéria: “Repórter desaparece”;
- 2) *O Globo* (03/06/02). Título da matéria: “Por que ir às ruas por Tim?”.
- 3) *O Estado de São Paulo* (04/06/02). Título da matéria: “Traficante pode ter executado repórter no Rio”
- 4) *Jornal do Brasil* (04/06/02). Título: “Jornalista some em favela”;
- 6) *Tribuna da Imprensa* (05/06/02). Título: “Líder do Comando Vermelho é o suspeito do desaparecimento do jornalista”;
- 5) *O Estado de São Paulo* (06/06/02). Título da matéria: “As diferentes versões do desaparecimento”;
- 6) *Folha de São Paulo* (05/06/02). Título da matéria: “Jornalista da Globo desaparece em morro”;
- 7) *Folha de São Paulo* (06/06/02). Título da matéria: “Políciais fazem novas buscas por jornalista do Globo”;

Observa-se que nos primeiros dias de busca policial pelo jornalista Tim Lopes, já havia a suspeita de que ele poderia ter sido morto por “Elias Maluco”.

<sup>6</sup> A prisão de Elias Maluco foi amplamente divulgada nos jornais impressos. Seguem algumas das matérias:

- 1) *O Globo* (20/09/02). Título da Matéria: “Família e autoridades satisfeitas com desfecho”;
- 2) *O Globo* (20/09/02). Título da Matéria: “Silêncio no morro, comemoração no asfalto”;
- 3) *O Globo* (20/09/02). Título da Matéria: “Muita violência e nenhum cérebro, assim é o traficante ‘Elias Maluco’”;
- 4) *O Globo* (20/09/02). Título da Matéria: “Benedita comemora ação inteligente e sem tiros”;
- 5) *Jornal do Brasil* (20/09/02). Título da Matéria: “Cem dias escondido no morro”;
- 6) *Jornal do Brasil* (20/09/02). Título da Matéria: “Elias é preso a 200metros de base policial”;
- 7) *Jornal do Brasil* (20/09/02). Título da Matéria: “Preso o assassino de Tim Lopes”;

2002 –, o número de notícias sobre a tragédia foi muito expressivo tanto nos jornais impressos como também nos blocos dos telejornais. A expectativa era muito grande. Dia a dia, todos recebíamos em nossas casas, de forma espetacularizada, as informações sobre os acontecimentos relacionados ao “caso”. Os apelos desesperados dos familiares, os pedidos emocionados dos amigos por maiores informações, as manifestações populares, as declarações oficiais dos chefes de redação da Rede Globo de Televisão, os pronunciamentos dos representantes da categoria, as notas oficiais das autoridades foram veiculados com ênfase. Dessa forma, o crime, gradativamente, foi recebendo um caráter público, trágico e espetacularizado<sup>7</sup>.

Na transformação da morte em um evento público, um aspecto foi amplamente focalizado: o fato de Tim Lopes ter sido assassinado por narcotraficantes quando realizava o seu ofício. Esse ponto foi recorrentemente lembrado pelos jornalistas, os quais passaram a tratar o assassinato como um “atentado contra a profissão” e à “liberdade de imprensa” no país. No contexto de tais denúncias, Tim Lopes passou a ser considerado como um herói, um mártir, um defensor dos habitantes da “outra cidade”, cuja liberdade estaria, na visão desses profissionais, sendo cerceada pelos traficantes locais.

Em síntese, a morte de Tim Lopes, da maneira como foi divulgada, indicava uma “crise” em nossa sociedade em que, de um lado, estavam os narcotraficantes – representando o “Mal”, que deveria ser expurgado. Do outro lado, estavam os

---

8) *O Dia* (20/09/02). Título da Matéria: “Bené chorou ao saber da captura”;

9) *O Dia* (20/09/02). Título da Matéria: “Maluco é pouco. Ele é cruel”;

10) *O Dia* (20/09/02). Título da Matéria: “Onde está ‘Elias Maluco’? Aqui!”;

11) *Jornal do Comércio* (20/09/02). Título da Matéria: “Preso o traficante acusado de chefiar massacre de Tim Lopes”;

12) *Extra* (20/09/02). Título da Matéria: “Povo comemora nas ruas a prisão de Elias”;

13) *Extra* (20/09/02). Título da Matéria: “Ele esculachou Tim Lopes”;

14) *Extra* (20/09/02). Título da Matéria: “A inteligência com arma”;

15) *Extra* (20/09/02). Título da Matéria: “Você perdeu, Elias”;

<sup>7</sup> Segundo Pereira e Herschmann o “campo da comunicação” deve ser considerado nas análises sobre os processos sociais de nossa sociedade, já que “vivemos, em sua quase plenitude, uma cultura mediática, espetacularizada e performática, na qual formulações identitárias, estilos de vida bem como as diversas estratégias narrativas que contribuem para a organização de nossa vida social são forjados no interior do ambiente comunicacional, com destaque para sua vertente mediática, povoada de riscos e variados personagens, fantasias e enredos”. (PEREIRA e HERSCHMANN, 2005, p.23). A transformação da morte do jornalista da Rede Globo em um evento público indica, claramente, essa característica de nossa sociedade: a influência de uma cultura mediática, espetacularizada e performática na produção dos eventos e na organização de nossas subjetividades.

moradores das favelas – vitimizados –, a população do “asfalto” – no meio do “fogo cruzado”-, os jornalistas – defensores e porta-vozes da sociedade - e as instituições governamentais – enfraquecidas e ineficientes.

Dessa forma, todos os elementos que compõem um “drama social” estavam presentes no “caso”. Em outras palavras, da forma como o crime foi veiculado à ocasião, havia um conflito entre grupos, que teria ocasionado uma “crise”, na qual as contradições existentes na sociedade brasileira emergiram.

Por produzirem essa versão “espetacularizada” do “caso”, os jornalistas conseguiram catalisar as emoções da população ao redor do crime, produzindo uma grande mobilização social e um “fervor coletivo”.

Como ressaltou Segalen (2002), nas sociedades modernas, ao produzir e dramatizar os eventos sociais, a mídia consegue catalisar as emoções dos indivíduos, criando, conseqüentemente, uma comoção social. A autora desenvolveu essa análise, quando observou a divulgação e recepção do sepultamento da princesa Diana em setembro de 1997. Segundo sua interpretação, naquele momento, a veiculação mediática “espetacularizada” da tragédia produziu uma união emocional dos telespectadores.

Quanto ao “caso” Tim Lopes, podemos dizer que os maiores jornais impressos e televisivos do Rio de Janeiro provocaram um sentimento coletivo semelhante. Influenciados pela divulgação do assassinato nas mídias, vários segmentos sociais<sup>8</sup> protestaram contra a violência e o domínio dos narcotraficantes em alguns territórios da cidade do Rio de Janeiro. Proclamavam a “paz”. Queriam uma cidade “menos violenta”.

Em relação à concepção do crime como um evento público e indicador de uma “crise”, vale ressaltar que, diariamente, quando abrimos as páginas dos jornais ou quando nos sentamos em frente aos nossos televisores, somos “bombardeados” por uma série de notícias que tratam de torturas e atrocidades tão bárbaras quanto as de que o

---

<sup>8</sup> Segue abaixo uma lista com algumas manifestações que foram promovidas pelas associações sindicais dos jornalistas:

- 1) 16/06/02- A Manifestação na orla da praia do Leblon reuniu cerca de 400 pessoas;
- 2) 18/06/02- Celebração inter-religiosa em memória de Tim Lopes na Igreja Nossa Senhora da Consolação, São Paulo, SP.
- 3) 23/06/02- Manifestação na orla em memória de Tim Lopes e contra a impunidade.
- 4) 29/06/02- Cerca de 300 pessoas solicitaram um empenho maior na busca dos restos mortais de Tim Lopes. Também proclamavam “paz”.

jornalista foi vítima. Para se ter uma idéia, no dia 12 de junho de 2002, quando os policiais da 42<sup>a</sup> Delegacia de Polícia da Penha encontraram os restos da ossada<sup>9</sup> de Tim Lopes na Pedra do Sapo, no Alto da Grota, Complexo do Alemão, havia, no local, cerca de 150 pedaços de fragmentos de ossos, sendo que somente os do jornalista foram identificados. Dessa forma, podemos perceber que, em relação à morte do funcionário da Rede Globo, houve um tratamento diferenciado por parte do poder público.

A presteza do Estado na elucidação do “caso” deve-se, em parte, a meu ver, ao posicionamento dos jornalistas diante do crime. Seja conferindo uma enorme veiculação midiática, seja criando comissões, ou mobilizando a população, estes profissionais não permitiram que o crime fosse esquecido. Estrategicamente, além de recorrerem às organizações sindicais, também criaram uma comissão para acompanhar, mais de perto, o desenrolar da investigação. A Comissão Tim Lopes<sup>10</sup>, como foi denominada em homenagem ao jornalista, além de solicitar um empenho maior na busca dos assassinos, também, como alternativa para superar a “crise” na sociedade, pleiteou a criação de projetos sociais na região. Para esses jornalistas, o Complexo do Alemão deveria se tornar um marco do “*resgate social das favelas*”. O fragmento abaixo, ilustra esse posicionamento:

Todos os jornalistas estão empenhados em transformar o Alemão em uma área onde a população possa andar livremente, sem ser incomodada por outros poderes além dos estabelecidos por lei (Comissão Tim Lopes, *O Fluminense*, 09/09/2002).

Em nome de toda a categoria, a Comissão Tim Lopes, seguida por outras organizações sindicais, focalizou, publicamente, um dos ideais mais caros do jornalismo investigativo; a idéia de que a função social do jornalista é a de ser o porta-voz dos segmentos desfavorecidos socioeconomicamente. Em uma defesa aberta, as organizações sindicais repassaram tal ideal ao grande público. Segue abaixo uma

---

<sup>9</sup> Seguem abaixo algumas matérias que comunicaram a descoberta dos restos mortais de Tim Lopes no dia 12/06/02:

- 1) *Jornal do Brasil* (06/07/02). Título da matéria: “Identificada a ossada de Tim Lopes”;
- 2) *Jornal do Brasil* (06/07/02). Título da matéria: “Onde está a polícia?”;
- 3) *O Globo* (07/06/02). Título da matéria: “E preciso identificar os demais corpos”;
- 4) *O Estado de São Paulo* (06/07/02). Título da matéria: “Teste de DNA confirma morte de Tim Lopes”.

<sup>10</sup> A reunião da comissão de jornalistas como o governo estadual foi divulgado nos seguintes jornais:

- 1) *O Globo* (09/07/02). Título da Matéria: “Um plano para resgatar favelas”;
- 2) *O Dia* (09/07/02). Título da Matéria: “Policiamento no Alemão”.



declaração feita por um dos representantes da Federação dos Jornalistas, quando os restos mortais do colega de profissão foram encontrados. Tais afirmações indicam a maneira como os jornalistas “espetacularizaram” o crime para o público em geral::

Enfim, podemos enterrar o nosso colega Tim Lopes, com a mesma dignidade e emoção que pautaram sua vida como cidadão e jornalista. Mas enterrar o Tim não significa sepultar seus ideais ou encerrar o trabalho que procurava fazer para diminuir as injustiças sociais, que são na essência a maior violência contra o cidadão. Pelo contrário. Ao cortarem seu corpo em pedaços, seus algozes multiplicaram os que vão às ruas clamar pelo fim do crime organizado, da corrupção e da impunidade. Quando tentaram dificultar sua identificação, revelaram o paradeiro de várias desesperanças, da omissão dos poderes públicos, do terror imposto pelo narcotráfico. Foi assim, ao provocar a localização do cemitério clandestino no alto da Favela da Grota, que Tim Lopes fez mais uma de suas grandes reportagens. Por essas razões, os jornalistas estão empenhados em transformar o local em marco da cidadania, para que a liberdade de imprensa e o direito de ir e vir do cidadão não voltem mais a ser ameaçados, a começar pela Vila Cruzeiro. É preciso também identificar os demais corpos, para que o direito de enterrar os entes queridos seja de todos, sem distinção de credo, cor ou classe social. Vamos nos despedir de Tim Lopes, mas em memória dele, os jornalistas exigem que as autoridades cumpram seu papel: prender e punir os culpados, garantir a todos a segurança e o exercício da cidadania. Se assim não o fizerem, a liberdade e a democracia estarão em risco e Tim Lopes, como as outras vítimas da violência neste país terão morrido em vão (*O Globo*, 07/07/ 2002).

Para o grande público, os jornalistas produziram uma versão do “caso” tendo como foco central a imagem de Tim Lopes como herói. O jornalista teria sido injustamente morto quando tentava denunciar a grande influência dos narcotraficantes naquelas favelas. Diante desse suposto “atentado à profissão”, além de solicitarem a prisão imediata dos criminosos, os jornalistas também defenderam a criação de projetos sociais nestas áreas. O “*resgate social das favelas*” seria uma das possíveis medidas para superar a “crise” na sociedade. A lógica desse encaminhamento político era a seguinte: não bastava só prender os algozes do repórter, era preciso alcançar a “raiz” do problema. Em outras palavras, na concepção dos representantes sindicais, as desigualdades sociais deveriam ser amenizadas, através da inclusão dos jovens em projetos sociais.

Não é o meu objetivo invalidar a denúncia feita pelos jornalistas em relação ao crime. Realmente Tim Lopes foi morto, de forma cruel e desumana, por bandidos que exerciam uma grande influência no Complexo do Alemão. Também não posso deixar de afirmar que a proposta elaborada por aquele segmento profissional é interessante e

recomendável, já que muitos jovens acabam sendo seduzidos pelo narcotráfico, justamente por não terem alternativas mais positivas em suas comunidades. Porém, pergunto: será que o “caso” pode ser tratado somente por este prisma? Qual o grau de responsabilidade da Rede Globo na morte de seu funcionário? Os métodos e as técnicas utilizadas pelo jornalista, eram eticamente corretos? Curiosamente, nas 524 reportagens a que tive acesso sobre a morte do jornalista, são raras as notícias voltadas para a problematização de tais questões.

O leitor deve estar se perguntando: será que essas questões de cunho mais prático e objetivo não foram discutidas?

No mesmo período em que o crime foi veiculado pelos meios de comunicação, os jornalistas, junto às suas organizações sindicais, realizaram um amplo debate sobre as técnicas e os métodos jornalísticos, utilizados nas reportagens investigativas. Contudo, essa revisão interna não foi divulgada abertamente nos maiores jornais do país. Para o público mais amplo o “caso” foi simplificado na imagem heróica de Tim Lopes.

Antes de indicar como foram elaboradas essas duas interpretações sobre o “caso”, a seguir apresento algumas informações sobre a formação do jornalismo investigativo no Brasil.

### **3. Jornalismo investigativo no Brasil: o surgimento de um estilo profissional**

Ao longo de sua trajetória profissional, Tim Lopes optou por um estilo jornalístico que atualmente tem recebido um maior espaço nos meios de comunicação em função de sua grande aceitação entre o público: o jornalismo investigativo.

Contudo, quando o repórter iniciou sua carreira na década de 1970, o jornalismo investigativo ainda não tinha a credibilidade que tem hoje. À ocasião, de um modo geral, a produção jornalística era feita sem a interferência direta de populares. Neste sentido, havia a necessidade de se adequar as técnicas e os métodos jornalísticos às novas demandas sociais que surgiram naquele período (ABREU, 2002).

Buscando desenvolver um diálogo mais amplo com a população, alguns jornalistas (de utilidade pública) adotaram uma perspectiva mais interativa, nos moldes

do *Public* e o *Civic Journalism*<sup>11</sup>. “Dar voz aos cidadãos” era o lema central destes dois estilos jornalísticos (Abreu, 2003).

O jornalismo investigativo foi fruto deste movimento modernizador da imprensa brasileira no pós-70. Da mesma forma que o jornalismo de “utilidade pública”, a vertente investigativa postula a manutenção de um diálogo íntimo com a população. Porém, distingui-se deste e dos demais por defender uma “investigação”, em loco, das denúncias feitas por cidadãos. Para a realização destas “checagens diretas”, muitos profissionais usam disfarces ou pequenas câmeras escondidas. Ao final da “investigação”, a partir de uma narrativa extremamente cuidadosa, sobretudo quanto aos personagens envolvidos no “caso” denunciando, o jornalista divulga a matéria.

Contemporaneamente, quando as instituições policiais têm perdido a credibilidade por não responderem, com eficiência, ao problema da criminalidade, os repórteres investigativos têm se destacado e conquistado a confiança da população (idem). De um modo geral, neste vácuo de poder, muitos jornalistas são levados por suas empresas a se lançarem em busca de denúncias. Muitos, inclusive, assumem uma postura detetivesca, colocando, dessa forma, sua integridade física em risco.

Além disso, o aumento do número de “reportagens-denúncia” pode ser explicado por corresponder às necessidades do mercado. Por render altos índices de audiência, tais matérias jornalísticas são incentivadas pelas empresas. (MORETZOHN, 2003).

Neste contexto profissional, marcado, por um lado, por uma “confusão” nas atribuições profissionais dos jornalistas investigativos, por outro lado, pela concorrência acirrada por maior audiência da população, o assassinato do jornalista foi veiculado como um problema público.

Feita essa apresentação da inserção mais geral do jornalismo investigativo no Brasil, volto ao “caso” procurando situar a relação Tim Lopes e Rede Globo – relação empregado/empregador.

---

<sup>11</sup> O *Public* e o *Civic Journalism* surgiram nos Estados Unidos da América no início da década de 1970. O primeiro foi fruto de um movimento, promovido pelos profissionais da área, que buscava desenvolver um diálogo maior com o público em geral, através da criação de uma lista, que, supostamente, enumerava os principais problemas sociais da sociedade. Definida a agenda de problemas a serem enfrentados, os jornalistas se colocavam como intérpretes dos cidadãos tanto para estabelecer a hierarquia das irregularidades, como também para propor as possíveis soluções. Com uma proposta mais interativa, o *Civic Journalism* também pretendia “dar mais voz aos cidadãos”, procurando indicar as mazelas da sociedade. Porém, diferente do *Public Journalism*, este tinha como dinâmica de atuação o estabelecimento de um confronto de opiniões comunitárias. A partir daí, eram feitas as escolhas e deliberações na comunidade. Para outras informações, ver Abreu, 2003.

### 3.1. “O herói que sempre se pautava”: a não responsabilização da Rede Globo no “caso”

No dia três de junho de 2002, um dia depois do desaparecimento de seu funcionário, as Organizações Globo, um dos maiores conglomerados de empresas de comunicação do mundo, passaram a expor o retrato do jornalista em seus telejornais e nos seus jornais impressos, seguido, quase sempre, por apelos de amigos e familiares. O objetivo era comunicar à população o ocorrido e tentar, ao máximo, obter maiores informações sobre o paradeiro do jornalista. Nesta ocasião, quando a polícia ainda não tinha provas concretas dos fatos, Tim Lopes começou a ser representado pela Rede Globo como um jornalista “corajoso”, que não se intimidava em assumir, enquanto repórter, sua função social ao denunciar o narcotráfico. Segue um trecho da declaração de Carlos Henrique Schroder:

O brutal assassinato de Tim Lopes deixa consternados todos nós, os jornalistas brasileiros e cidadãos de bem deste país. Nesse momento, nossos sentimentos vão especialmente para a família de Tim. Ele morreu em pleno exercício da profissão que tanto amava, na defesa de uma população que vive, impotente, sob o terror do tráfico e do crime organizado” (*O Dia*, 10/06/02).

Os veículos de comunicação seguiram esta representação do jornalista e dos fatos. Em geral, não houve maior problematização quanto à responsabilização da Rede Globo<sup>12</sup> no “caso”. Por exemplo, quase não foi abordado nos meios de comunicação que a Rede Globo deixou que o seu funcionário fosse várias vezes, antes do dia 2 de junho, à Vila Cruzeiro. Em tais “visitas”, Tim Lopes não contou com nenhuma rede de apoio e também não recebeu nenhum ponto eletrônico.

Nas poucas vezes em que os chefes de reportagem da Rede Globo foram questionados sobre a precária segurança dada a seu funcionário, eles silenciavam. Preferiam enaltecer Tim Lopes como um homem “corajoso” e “justiceiro”, o qual sempre se “pautava”: “As grandes empreitadas de sua vida profissional tiveram a marca da iniciativa e coragem. Foi o que aconteceu nessa última reportagem” (*Rede Globo, Jornal O Globo e Estado de São Paulo*, 04/09/02).

---

<sup>12</sup> Para uma melhor discussão a respeito da responsabilização da Rede Globo no “caso” Tim Lopes, ver Sylvia Moretzsohn (2003).

Como vimos na declaração, ao focalizar a “coragem” e a “autonomia” de seu funcionário, o que aparentemente poderia ser um elogio e reconhecimento pelos trabalhos prestados, a Rede Globo não assumiu publicamente a sua parcela de responsabilidade, deslocando o foco da atenção exclusivamente para o jornalista.

Em síntese, os jornalistas, além de tratarem a morte do colega de profissão como um “caso” público e indicador de uma “crise”, também silenciaram a respeito da responsabilidade da Rede Globo.

Na próxima seção, para problematizar tal postura, trago as principais discussões realizadas, internamente, pelos jornalistas, durante a veiculação mediática do “caso”.

#### **4. Discurso para “dentro”: é preciso repensar a atuação do jornalista**

Há forte indício de que, no meio jornalístico brasileiro, a segurança no trabalho passou a ser um tema relevante somente após a morte de Tim Lopes. No trecho abaixo, Nacif Elias nos relata a grande repercussão que o assassinato teve entre os pares profissionais:

O que houve a partir da morte do Tim é que para nós foi um marco (...) É o divisor de águas para nós. Inclusive nos obrigou a tomar outras medidas muito mais de preocupação. A gente fez uma reunião, onde a gente discutiu isto que eu já falei”. (Entrevista, 24/11/2003).

Como Nacif Elias pontuou, por ser um evento significativo, o assassinato de Tim Lopes obrigou os jornalistas a reverem seus métodos profissionais. Nessa perspectiva, realizaram o seminário *Jornalismo Investigativo: ética, técnicas e perigos*, no Rio de Janeiro. Em linhas gerais, através da socialização das experiências dos presentes, neste encontro, procurou-se traçar novos rumos para a profissão no país. Segundo Rosental,

Não foi difícil chegar à conclusão de que esta conferência e este workshop sobre jornalismo investigativo são o melhor caminho para iniciar nossa contribuição para o jornalismo brasileiro”. (*O Globo*, 30/09/2002).

A realização do seminário foi a forma encontrada pelos jornalistas para estabelecerem novos rumos e parâmetros para a profissão no Brasil. No encontro, dentre outras questões, foram debatidos alguns pontos que são polêmicos no meio

jornalístico, como a utilização de disfarces e câmera escondida - técnicas utilizadas por Tim em sua última reportagem.

Como resultado, esse evento possibilitou uma organização maior entre os jornalistas investigativos. Baseados na experiência da *Investigative Reporters and Editors (IRE)*<sup>13</sup>, um número expressivo de jornalistas resolveu formar uma associação brasileira nos moldes da americana. No dia 7 de dezembro de 2002, alguns dias depois, cerca de 140 jornalistas se reuniram na Universidade de São Paulo e criaram a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (AbraJI). O objetivo principal desta associação é profissionalizar os jornalistas investigativos.

Segundo Nacif Elias, além deste desdobramento positivo, após a realização do seminário no Rio de Janeiro algumas empresas começaram a conferir maior segurança aos seus repórteres:

Cada empresa, hoje, tem um método de trabalhar com as fontes. O cara vai procurar as fontes e vê se estas fontes são seguras. E você começa a fazer uma coisa paralelamente para saber se a fonte é boa. Em alguns casos quando o negócio é muito perigoso pode até contar com a ajuda da polícia, coisa que nunca havia. Você fazia isto, você tinha aquelas fontes, e te chamavam para fazer as coisas, você confiava nela em absoluto. A única coisa que você tinha era o carro que ia te buscar. Aí você dizia para o cara 'você me pega tantas horas'. Se você não aparecesse, o cara poderia fazer alguma coisa, normalmente não fazia, porque você aparecia, né? (Entrevista, 24/11/2003).

Esse procedimento casual foi o que Tim Lopes realizou em sua última reportagem. Por essa razão, após a morte do jornalista, mesmo não divulgando ao grande público, a Rede Globo também adotou algumas medidas de segurança (incipientes?) para garantir a integridade física de seus repórteres. Uma delas foi a indicação do uso de coletes à prova de balas (Souza, 2002). Além disso, a emissora também passou a adotar um sistema de comunicação, que conecta diretamente a central de reportagens aos jornalistas que estão em campo (idem).

Porém, essas transformações internas no jornalismo não estiveram na pauta da mídia durante o “caso”. Em relação ao próprio seminário *Jornalismo Investigativo: ética, técnicas e perigo*, não houve uma ampla cobertura jornalística. Tudo leva a crer que os jornalistas não tiveram interesse em mostrar para a sociedade a “crise” interna.

---

<sup>13</sup> Para maiores informações da *Investigative Reporters and Editors*, ver o site: [www.abraji.org.br](http://www.abraji.org.br).

Até aqui, procurei indicar a transformação do assassinato do jornalista da Rede Globo em um caso público. Também apresentei o contexto profissional no qual o jornalismo investigativo surgiu. Agora já tenho condições de problematizar o descompasso na divulgação da morte de Tim Lopes. Abaixo seguem duas tabelas com matérias sobre o assassinato. Esta amostra foi retirada de um universo de 524 reportagens sobre o assassinato. São 27 matérias jornalísticas divulgadas entre os dias 29 de agosto e 1º de setembro de 2002.

### Matérias Jornalísticas sobre o “caso” Tim Lopes

**Tabela 1: Reportagens sobre o seminário**

<b>Dia</b>	<b>Jornal</b>	<b>Título</b>
29/08/02	O Globo	“Seminário vai debater a ética e os perigos do jornalismo investigativo”
30/08/02	O Globo	“Repórter peruano falará dos meios da profissão”
31/08/02	O Globo	“Jornalistas vão debater perigo da investigação”
	O Extra	“Jornalismo em debate no Rio”
01/09/02	O Globo	“Jornalismo investigativo sem riscos em debate”

**Tabela 2: Outras reportagens**

<b>Data</b>	<b>Jornal</b>	<b>Título</b>
29/08/02	Jornal do Brasil	“Ratinho diz que não matou Tim”
	O Globo	“Ratinho nega ter participado da morte de Tim Lopes”
	Jornal do Brasil	“Detentos se rebelaram em casa de custódia”
	Tribuna da Imprensa	“Ratinho agora afirma não ter matado Tim Lopes”
	Jornal do Comércio	“PMs desmentem chefe de Polícia”
	Extra	“Ratinho nega ter matado Tim”
	O Globo	“Comissão quer união dos poderes Contra o tráfico”
	Jornal do Brasil	“Ajuda federal demora”
	O Globo	“IML: não havia pólvora na mão de André Capeta”
	Folha de São Paulo	“Traficante depõe e nega envolvimento em assassinato do jornalista”
	Estado de São Paulo	“Ratinho diz que não conhecia Tim Lopes”
	O Dia	“Ratinho nega ter matado Tim”
	Extra	“Ataque e defesa”
30/08/02	Extra	“Polícia tem nova acusação contra Elias”
	Folha de São Paulo	“Dia oito haverá nova manifestação” (panorâmica)
	Jornal do Comércio	“Imprensa e poder paralelo”

31/08/02	O Globo	<i>“Ratinho confessa à polícia ter matado Tim Lopes”</i>
	O Povo	<i>“Linha direta”- Itamar Freitas</i>
	O Dia	<i>“Ratinho mostra crueldade sem limites”</i>
	O Jornal do Brasil	<i>“Ratinho confessou tortura a Tim Lopes”</i>
01/09/02	Folha	<i>“Alguém de Olho (Ombudsman)</i>
	Época	<i>“Todas as fichas em Elias Maluco”</i>

Com a realização do seminário, no qual novas técnicas e novos posicionamentos entre empregados e empresas jornalísticas foram sugeridos, era de se esperar que houvesse uma transparência e continuidade da discussão sobre o jornalismo investigativo para o grande público. Porém, com base nas tabela um e dois, vê-se que houve pouca divulgação acerca do encontro. Das 27 reportagens, publicadas nos principais jornais do Rio e de São Paulo, somente 5 noticiaram e destacaram em seus títulos a realização do encontro. Em relação a essa pouca divulgação, cabe uma questão: trata-se de uma estratégia para ocultar as “fissuras” internas da profissão?

Para responder a indagação colocada, trago um comunicado oficial da Comissão Tim Lopes que expressa a forma como os jornalistas se posicionaram publicamente em relação ao “caso”:

Nós, jornalistas do Rio de Janeiro, estarecidos com o que fizeram a Tim Lopes, julgamos conveniente trazer à sociedade brasileira o seguinte esclarecimento. Nos últimos dias, muitos de nós ouvimos nas ruas e até mesmo de fontes comentários de que Tim Lopes teria sido irresponsável por estar numa favela dominada pelo tráfico nas condições em que estava. Ou mesmo que teria sido levado a isso por seus chefes. A essas pessoas, que talvez desconheçam a rotina do nosso trabalho, lembramos que a realidade do tráfico de drogas nos morros só é conhecida de todos, e muitas vezes inclusive da polícia, porque Lopes fez isso mais de uma centena de vezes. Em muitas delas, como na que resultou em sua morte, foi convocado pelos próprios moradores das favelas, onde a imensa maioria é de gente honesta e trabalhadora (Comissão Tim Lopes, apud SOUZA, 2002, p.225).

No comunicado, a comissão desqualifica as críticas feitas ao jornalista morto e à Rede Globo, sugerindo que elas seriam decorrentes da própria falta de conhecimento da “rotina” dos jornalistas. Neste sentido, os métodos estariam corretos por estarem em conformidade com a proposta do jornalismo investigativo.

Por outro lado, contrariando este posicionamento, no seminário acima citado, um dos membros da Comissão Tim Lopes, Nacif Elias, ressaltou a importância do



“caso” para se repensarem os próprios métodos utilizados pelos jornalistas. Segue um trecho. Disse Elias,

Aqui no Brasil, até o momento em que aconteceu a morte do Tim, os jornalistas sempre acharam que eram imunes a agressões. Agiam heroicamente em nome de suas reportagens. Mas essa percepção mudou. Temos que debater o assunto, que nunca foi muito aprofundado pelos nossos profissionais (*O Globo*, 29/08/02).

Em outra entrevista, este representante sindical descreve a situação perigosa que Tim Lopes e outros jornalistas adotavam quando se colocavam como intermediário entre o poder público e a população abrangente:

Não adiantava eles [comunidade] irem à polícia, porque só iam agir quando você [jornalista] colocasse a ‘boca no trombone’. E isto quem fazia são os jornalistas. Então, nós não tínhamos muito estes limites. A gente confiava muito no próprio mito do que nós éramos (...) Os jornalistas têm um certo defeito de formação, porque nós nos achamos um pouco intelectualizados. A gente se acha um pouco ‘super-homem’ e que nada nos vai acontecer (...) Nós tínhamos um colega que nós debatíamos muito, o Fernando Molica da TV Globo. Ele dizia que nós temos uma arrogância natural (Entrevista, 24/11/03).

No trecho, Nacif Elias faz uma crítica aos jornalistas que, ao se colocarem como porta-vozes da sociedade, não se preocupam com a manutenção de sua integridade física. Tal comportamento foi interpretado como uma “arrogância natural”, decorrente, talvez, de uma formação deficiente e centrada nos atos heróicos.

Portanto, como relação à interpretação do “caso”, observa-se a constituição de duas estratégias: 1) Para o grande público: *herói/vítima/ profissional da mediação*; 2) Para os pares: *herói/excesso de improviso/ tragédia*. Ou seja, tudo leva a crer que houve uma intencionalidade dos jornalistas em manter um descompasso na divulgação do “caso” Tim Lopes.

## **Conclusão**

Ao longo deste artigo, desenvolvi uma análise da morte do jornalista Tim Lopes e dos eventos relacionados a ela, a partir da perspectiva do “drama social”. Optei por usar esse referencial teórico, pelo simples fato de que o crime foi representado como um “marco” que suscitou uma profunda reflexão sobre as mazelas e contradições existentes

em nossa sociedade. Em outros termos, desde o desaparecimento do repórter até a prisão de seu principal algoz, “Elias Maluco”, no dia 19 de setembro de 2002, o assassinato foi noticiado como sendo um evento que apontava para uma “crise” maior. Um “conflito”, que dividia a sociedade em dois blocos: de um lado os narcotraficantes, exercendo os seus domínios nas favelas cariocas e, de outro, os moradores das favelas - as “pessoas de bem”-, os moradores do “asfalto”, os jornalistas e o poder público.

Ao divulgarem a morte do repórter Tim Lopes, os jornalistas, revestidos por sua *autoridade jornalística* (Zelizer, 1992), legitimaram a sua versão como a “verdadeira” reconstituição dos fatos, orientando a população como agir diante da suposta “crise social”. O interessante a ser observado é que vários segmentos da população incorporaram tal discurso jornalístico com uma “verdade”. Isso se evidenciou tanto nas manifestações populares, como também nos posicionamentos de personalidades nos meios de comunicação. De certa forma, vários setores da sociedade experimentaram o evento como um drama social. Porém, após a superexposição do “caso” na mídia, houve uma reacomodação da sociedade. As manifestações pararam e a violência continuou na cidade do Rio de Janeiro, assim como em outras grandes metrópoles do país. Quanto à proposta de “resgate social das favelas”, só algumas tímidas iniciativas foram tomadas.

O ponto-chave que tentei ressaltar no artigo é que, curiosamente, ao mesmo tempo em que essa versão foi produzida para o grande público, internamente, os jornalistas reviram não só as relações de trabalho na profissão, como também, discutiram as técnicas e os métodos utilizados, até aquele momento, pelos repórteres investigativos.

O assassinato do jornalista fez com que todas as questões de cunho mais práticos e objetivos emergissem internamente. O voluntarismo, tradicionalmente presente nas ações dos jornalistas investigativos, deveria ser repensado. Internamente, a morte de Tim Lopes também representou um “marco”. Porém, diferente do que foi veiculado para o grande público, o crime indicava a necessidade de se repensarem os métodos, as técnicas e as relações de trabalho na profissão. Portanto, entre os pares, a superação da “crise” deveria se dar a partir da formulação de iniciativas que visassem uma maior profissionalização do jornalismo no país.

Com resultado prático criou-se, em termos institucionais, uma associação voltada para a capacitação dos jornalistas investigativos. Além disso, algumas empresas estabeleceram algumas medidas (incipientes?) para garantir a integridade física de seus funcionários. Devo salientar que em relação a tais medidas adotadas, não se chegou a um consenso a respeito das regras de segurança que todos deveriam seguir.

A produção dessas inovações indica que, no Brasil, quanto à profissionalização dos repórteres investigativos, há um longo caminho a ser trilhado.

Porém, esse debate interno, gerado em função da morte do repórter, não foi veiculado amplamente. Os jornalistas preferiram simplificar toda a complexidade do “caso” na figura do herói, tragicamente morto pelos narcotraficantes. Era de se esperar que os jornalistas incluíssem os outros segmentos sociais na discussão.

Portanto, se por um lado, os jornalistas avançaram, ainda que timidamente na profissionalização do jornalismo no país, debatendo sistematicamente o imprevisto e o voluntarismo, adotado tradicionalmente pelos repórteres investigativos, por outro lado, ao não tornarem esta discussão um evento público, mantiveram uma postura não democrática e conservadora<sup>14</sup>. Salvaguardaram imagem da Rede Globo e da profissão no país.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ABREU, Alzira Alves. *A modernização da imprensa: (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ABREU, Alzira Alves. “Jornalismo Cidadão”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ALVES, Carla Cristina C. *Nelson Rodrigues e a Reportagem Policial: Realidade e ficção*. Monografia de Graduação em Comunicação Social. *Cadernos da Comunicação 2. Série estudos*. Rio de Janeiro: Prefeitura do RJ, 2003.

DE PAULA, Robson R. “*Tragédia*” e “*Acomodação*”: uma análise antropológica do assassinato do jornalista Tim Lopes. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) PPCIS/UERJ, Rio de Janeiro, 2004.

MAGGIE, Yvonne. *Guerra de Orixás: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

---

<sup>14</sup> Para uma discussão sobre a postura conservadora da grande imprensa no Brasil, ver: Francisco Fonseca (2003).

MORETZOHN, Sylvia. *O caso Tim Lopes*. P.1-28, 2003. Disponível on-line em: <http://bocc.ubi.pt/pag/mortzohn-sylvia-tim-lopes.html>. Consultado em 10/01/ 2004.

PEREIRA, Carlos Alberto M. e HERSCHMAN, Michel (org.). *Mídia, memória e celebridade: Estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SOUZA, Percival de. *Narcoditadura: o caso Tim Lopes, crime organizado e jornalismo investigativo no Brasil*. São Paulo: Labortexto, 2002.

TURNER, Victor. *Schism and continuity in an African society*. Manchester: Manchester University Press. 1964.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ZELIZER, Barbie. *Covering the body: the Kennedy assassination, the media and a the shaping of collective memory*. Chicago & London: University of Chicago Press, 1992.

### **The assassination of Tim Lopes: the constitution of a social crisis to rethink a profession**

Robson de Paula

**ABSTRACT:** The literature that deals with the subject of media and violence tends to recognize the media vehicle as multiplier and rectifier of the perception of fear in the reader. In this communication, through the analysis of the Tim Lopes case in the media, I tried to investigate the complex issues on the matter. I describe two simultaneous interpretations in the media over the facts: one, centered in the foreign audience; and the other one in the internal public.

**KEY WORDS:** Investigative journalism. Ethics in journalism. Collective drama.